



# PORTUGAL

## NA GUERRA



# 1917

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Director : AUGUSTO PINA

### SUMARIO



#### TEXTO

“ Portugal na Guerra ”  
Bilhete de Paris. — *J. B.*  
Major Norton de Mattos,  
ministro da Guerra.

Da terra luza. — *Mayer Garção.*

A declaração de guerra  
da Allemanha a Portugal.

Diario de Campanha. — *Capitão X.*

A' volta das Trincheiras.  
Bibliographia.  
Actualidades.

#### GRAVURAS

Dr. Bernardino Machado.  
Major Norton de Mattos.  
A primeira proclamação  
do general Tamagnini.  
Os amigos de Portugal :  
Jean-Finot (Autographo)

As Tropas portuguezas em França

Uma revista.

Desfile diante dos generaes  
inglez e portuguez.

Continencia á bandeira portugueza

Depois da revista.

A caminho das trincheiras.

Carros de aprovisionamento e cozinhas

Companhias que voltam da frente.

De Portugal a França

A partida. A primeira sopa. A bordo

A « Portugueza » em França.

#### Actualidades

A offensiva ingleza.

Os tanks francezes, etc.



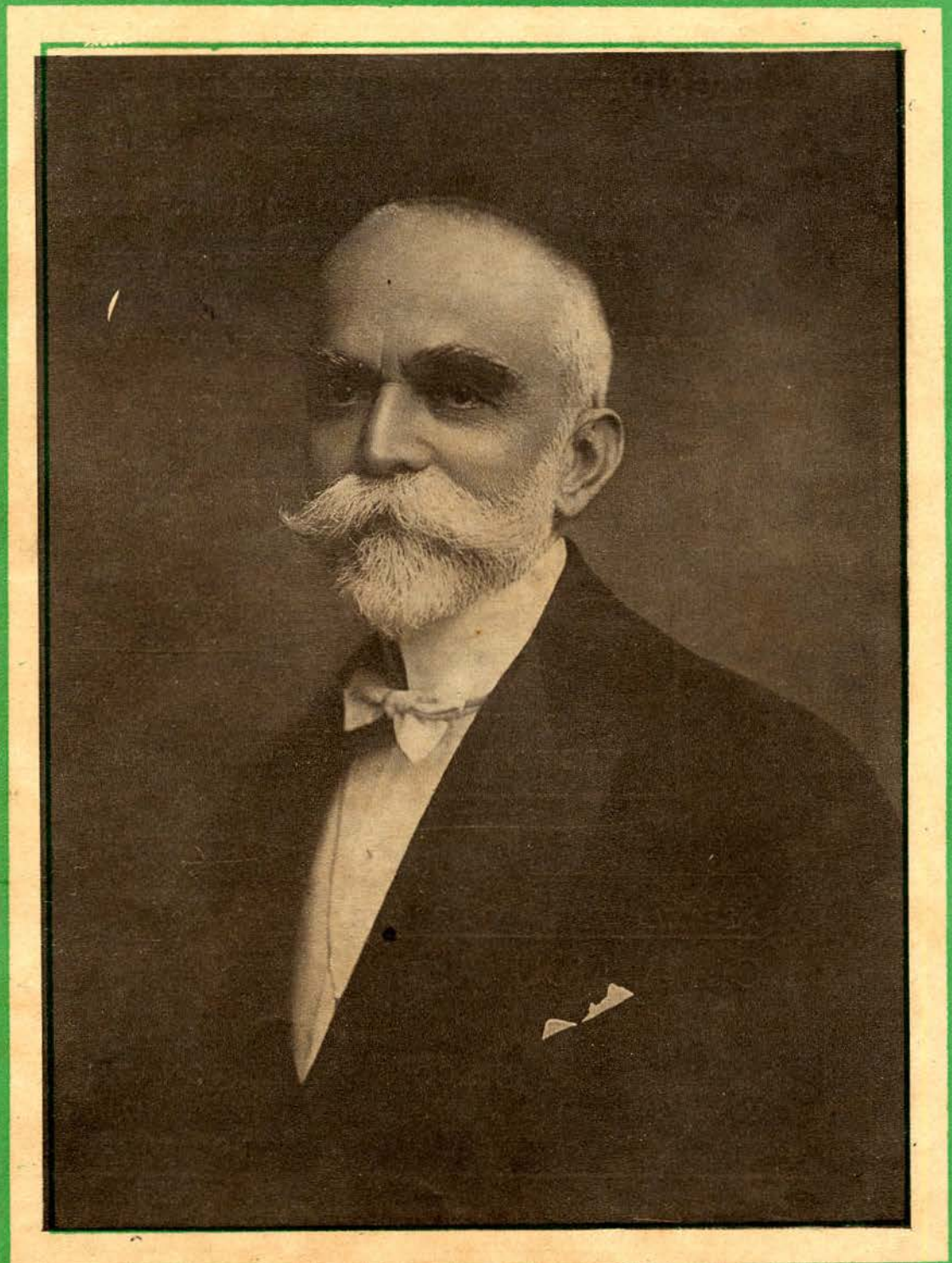
Porta-bandeira Portuguez na Grande Guerra

HORS-TEXTE A CORES



Numero avulso : 30 centavos

Prix du Numéro : 1 franc



Dr. BERNARDINO MACHADO

Presidente da Republica Portugueza

# PORTUGAL na GUERRA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

:: DIRECTOR : AUGUSTO PINA ::

Secretario de Redacção : JOSÉ de FREITAS BRAGANÇA

:: Redacção : 3, Rue de Villejust - PARIS ::

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MAIS NOTAVEIS  
ESCRITORES PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

*Cartas das principaes capitães do mundo*

COLLABORAÇÃO ARTISTICA DOS MAIORES ARTISTAS PORTUGUEZES

SERVICO PHOTOGRAPHICO ESPECIAL JUNTO DAS TROPAS  
PORTUGUEZAS EM FRANÇA A CARGO DE ARNALDO GARCEZ

CORRESPONDENTE PHOTOGRAPHICO EM PORTUGAL : ALBERTO LIMA



## ASSIGNATURAS PORTUGAL

Um anno (24 numeros) .. .. 6 \$ 30  
Seis mezes (12 — ) .. .. 3 \$ 30  
Trez mezes ( 6 — ) .. .. 1 \$ 80  
NUMERO AVULSO : 30 CENTAVOS

## ABONNEMENTS FRANCE

Un an (24 numeros).. .. 21 fr.  
Six mois (12 — ).. .. 11 fr.  
Trois mois ( 6 — ).. .. 6 fr.  
PRIX DU NUMÉRO : 1 FRANC

*Todos os pedidos d'assignatura para Portugal devem ser dirigidos á*

**AGENCIA GERAL EM PORTUGAL**  
**VICTOR MELLO, Rua Ivens, 56 - 2º - LISBOA**



## AGENCIA PARA O BRASIL

Casa A. MOURA, 114, Rua da Quitanda :: RIO DE JANEIRO



## PREÇO DA ASSIGNATURA

Un anno (24 numeros) .. .. 3 \$ 000 | Seis mezes (12 numeros) .. .. 16 \$ 00

NUMERO AVULSO : 1 \$ 500





# PORTUGAL

..... NA GUERRA

1917

Nº 1

1 de Junho 1917

Anno 1º

R. 36

Director : AUGUSTO PINA

**P**ROFESSOR, educador, escritor e estadista, o snr. Dr. Bernardino Machado, actual presidente da Republica foi sempre, um grande cidadão.

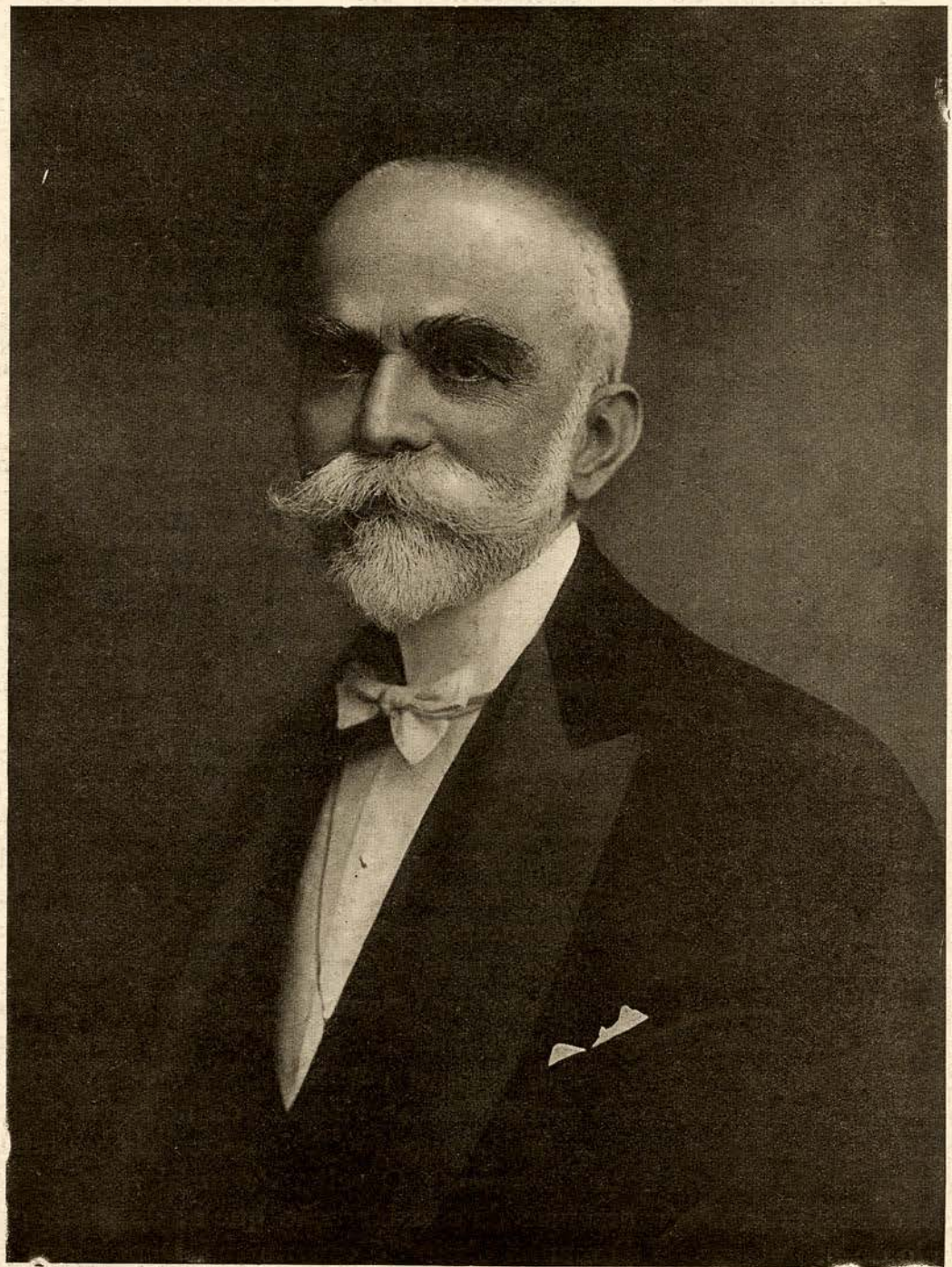
Cidadão que poderia ser de Athenas, pela elegancia do seu espirito; de Roma, pela nobreza das suas virtudes; de Paris, pela vivacidade do seu temperamento.

Iniciou a sua vida publica no periodo aureo do Constitucionalismo. Foi par do Reino, não por hereditariedade nem por mercê regia, mas pelo voto dos estabelecimentos scientificos. Foi ministro durante a monarchia, para tentar a experiencia liberal. Como essa experiencia falhou e como d'ella sahio robustecida a convicção democratica do snr. dr. Bernardino Machado, di-lo o vigor da sua acção evangelisadora, como propagandista das novas instituições. Notabilissima é a sua obra como diplomata, estadista e supremo magistrado da Nação.

Ministro dos Negocios Estrangeiros do Governo Provisorio, renova a alliança com a Inglaterra; Embaixador no Brazil, congrega os elementos divididos da nossa colonia e torna ainda mais indissolueis os laços que unem as duas Republicas irmãs.

Chefe do Governo em 1914, apresenta ao Parlamento a declaração de 7 de Agosto que definiu a nossa attitude ao lado da nossa alliada.

Presidente da Republica, preside a obra grandiosa da nossa reorganisação militar e á formação do Corpo Expedicionario á França.



Dr. BERNARDINO MACHADO

Presidente da Republica Portuguesa.

\*\*\*



## “PORTUGAL NA GUERRA”



O TÍTULO d'esta publicação é já o título de um capítulo da historia de Portugal.

Quando, mais tarde e não muito tarde porque a historia está cada vez mais impaciente por fazer-se, o historiador chegar ao limiar d'este grande cyclo da nossa, e se detiver buscando a palavra que hade designá-lo, a sua penna involuntariamente escreverá. — *Portugal na guerra.*

Assim, nós, ao emprehendermos esta publicação destinada a documentar a intervenção militar dos Portuguezes na maior conflagração de que ha memoria na historia da humanidade, não encontramos designação que melhor lhe conviesse.

As razões do nosso emprehendimento contêm-se na propria magnitude do acontecimento que o inspira.

A guerra, em si mesma, é um facto de tal natureza grande que preencherá por longos seculos a imaginação dos homens. Já da epocha em que vivemos não restará senão uma apagada lembrança e ainda a posteridade se inclinará curiosa e commovida sobre as devastações e as carnificinas a que estamos assistindo. O futuro fallará d'esta guerra e dos seus furores, como hoje se falla da invasão dos Barbaros, do Christianismo, ou da Reforma.

Mas se a guerra em si mesma é um facto de consideraveis proporções, em relação á historia do mundo, a guerra que nós proprios vamos fazer com os nossos soldados, em campos de batalha communs, é, em relação á nossa historia, um acontecimento de tamanha grandeza que podemos considerá-lo unico nos annos da nacionalidade.

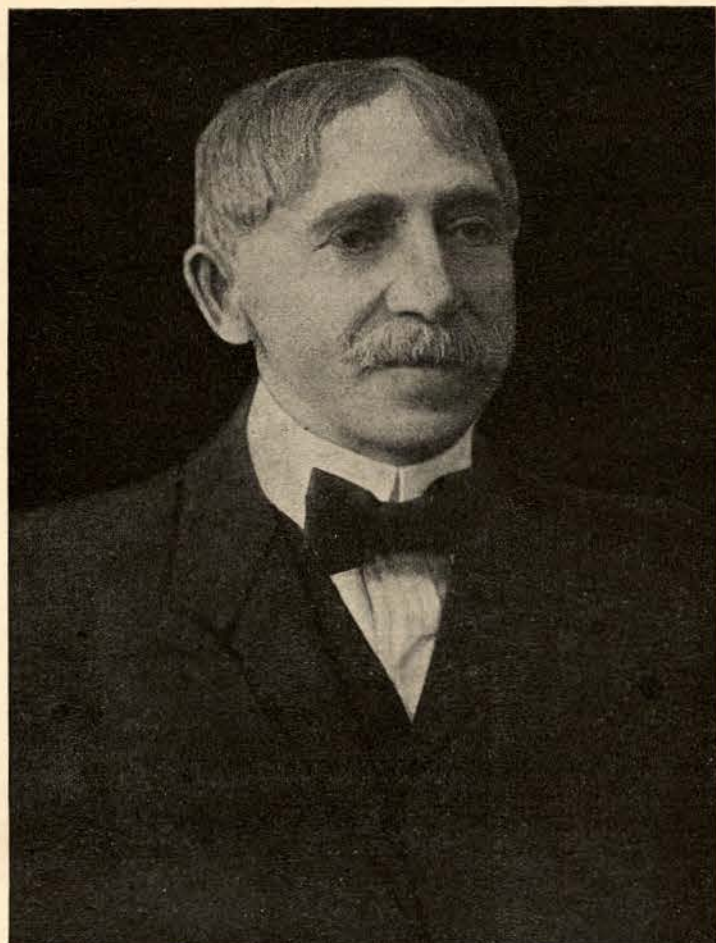
Com effeito, desde Aljubarrota até aos nossos dias, todo o esforço militar da nacionalidade portugueza consistiu na defeza da independencia e do territorio. Pela primeira vez e no decurso da sua longa historia, Portugal sahe do ambito da sua scena politica para a vastidão da scena politica universal e apparece como nação armada, ao lado das mais poderosas nações do mundo, defendendo uma causa que já não é exclusivamente sua, mas de todos.

Por outro lado, Portugal realisa um esforço militar igualmente sem precedentes na sua historia. Constitue um exercito capaz de combater ao mesmo tempo no continente e nas colonias, manda sessenta mil homens para França, trinta mil para Africa e encontra ainda nas suas reservas os elementos constitutivos de uma guarnição territorial. Este exercito é exclusivamente nacional. Com Schomberg e com o conde de Lippe os instructores do exercito portuguez eram estrangeiros; com Wellington grande numero dos seus officiaes eram inglezes. Inglezes e francezes eram muitos dos officiaes que se bateram ao nosso lado nas luctas liberaes. O exercito portuguez da Grande Guerra é, d'alto a baixo, portuguez. São Portuguezes os seus officiaes, são Portuguezes os seus soldados e o mesmo panno dos uniformes que veste é portuguez.

D'estes dois factos, igualmente grandes — a entrada de Portugal na colligação e a sua cooperação militar nos campos de batalha da Europa, — devem resultar para o futuro da nação consequencias incalculaveis. Já hoje, a personalidade do povo portuguez se affirma em todo o mundo. As esquecidas, ou desconhecidas virtudes da nossa raça apparecem á opinião universal como uma revelação de energia. Estamos longe do conceito pessimista que nos fazia ver aos olhos do mundo como uma nação decadente. O velho Portugal renasce senão para a gloria de novas conquistas, para as recompensas da consideração que se deve aos povos vigorosos. O dia d'hoje é cheio de promessas; o d'amanhã cheio de esperanças. Depois dos grandes dias do passado, este é o mais bello momento da nossa historia!

Esse momento nos propomos fixar n'esta publicação, destinada como já dissémos, a documentar o esforço militar de Portugal na presente guerra, mas destinada tambem, se isso fôr possível, a manter elevado o espirito nacional, pelo exemplo glorioso dos seus.

## OS AMIGOS DE PORTUGAL



Jean FINOT

10. AVENUE BUGEAUD.

TEL. 648-06

Le peuple portugais, tout en ayant  
traversé des crises douloureuses  
sans nombre, a su garder un  
enthousiasme touchant pour tout  
ce qui est beau et noble. Il aurait  
pu rester à l'abri des événements  
qui envahissent le monde et  
~~pour cela~~ il manifeste un attachement  
à la cause sacrée qui unit les  
Civilités; mais a fait injustice dans  
"les annales de l'histoire..."

Jean Finot

## Bilhete de Paris

Mal o sol acaba de sumir-se, ainda paira no firmamento um veu matizado que vae desde o azul diaphano até ao rosa palido, e eis que já se extinguem os innumerables rumores da grande capital.

Onde ontr'ora era um boulevard povoado de mil luzes irrequietas e estonteantes, delinia-se hoje uma perspectiva que se emsombra lentamente, como para dar tempo a que todos recolham a suas casas com alguma claridade do dia findo. Onde d'antes eram violentas manchas de luz esparrinhando vida, esfumam-se agora na treva que desce reconditos vasios.

E pouco a pouco, atravez das persianas fechadas, vão-se tami-sando discretas resteas obliquas.

A vida do Paris de folguedos e noitadas deixou de existir.

Não que Paris haja morrido. Esses interiores suavemente illuminados dão-nos, mais do que nunca, a certeza dum Paris onde a vida fervilha intensamente.

Mas morreria a eterna cosmopolis, a cidade multipla que, no dizer de alguém, é a patria de todos?

De modo nenhum. Sómente, em vez do *rastaquero* e do grão duque, do extravagante americano e do *rapin* de melena e pantalonas de veludo, em logar da variegada fauna vaudevillesca do Paris de paz, vereis agora uma ainda maior promiscuidade d'homens de todas os paizes e de todas as latitudes, mas irmanados na mesma existencia e na mesma vontade, integrados todos na familia humana que tomou as armas para tolher mão armada dos pretensos super-homens.

E a julgá-los pelo desataviado das fardas despidas das garri-dices marciaes, ao vê-los, do general ao simples soldado distin-guirem-se mais pelas cãs do que pelas minusculas insignias, mal dirieis que estes homens são soldados.

De cinzento ou pardo, nem arrastam espada, nem sacodem esporins, nem ostentam penacho.

Comprimentam-se com lhaneza e acotovelam-se indistin-tamente.

No entanto, são esses os soldados que affrontam, annos seguidos, os maiores perigos, que teem pelejado nas maiores batalhas, e aquelles seus olhos teem visto devastações como os peores cyclones não egualaram nunca.

Muitos trazem no braço, recamados, como d'antes as divisas, o numero de ferimentos.

Mas o horror das batalhas parece-lhes preferivel á excelsa *kultur* dos barbaros germanos, que muitos vieram combater voluntaria-mente.

Vêm de longe, dos quatro pontos da Europa e dos continentes mais distantes, russos e servios, romaicos e canadianos, indios, australianos e até de côr.

Pelo meio d'elles apparecem agora, graves e resolutos, os solda-dos portuguezes. D'entro em pouco, tambem mais norte-ameri-canos, e depois, ainda, quem sabe que outros soldados-cidadãos?...

Mais do que nunca, a velha Lutecia é a capital cosmopolita.

Pode não ser, como antes, o boulevard do Mundo, mas é por certo, como nunca o coração da Humanidade.

JOSÉ BRAGANÇA.



## MAJOR NORTON DE MATTOS

### MINISTRO DA GUERRA



**E**m pleno periodo de luctas internas, tanto mais encarniçadas quanto o momento se afigurava decisivo, e tanto mais surdas quanto a opinião se sentia insuficientemente esclarecida, entra na scena politica portugueza o snr. major Norton de Mattos.

Logo apoz a revolução de 14 de Maio de cujo *comité* o actual ministro da guerra fazia parte activa, formou-se o ministerio a que presidiu interinamente o snr. Dr. José de Castro. O presidente do conselho tomou a seu cargo tambem a pasta da guerra, então particularmente difficil de bem gerir.

O snr. Dr José de Castro chamou então para chefe do seu gabinete militar o snr. major Norton de Mattos, cuja firmeza de caracter e serena visão do momento haviam-de remover as enormes difficuldades acumuladas durante o pesadelo da dictadura Pimenta de Castro. Escolha acertada e feliz, que proporcionou ao até então governador geral de Angola ensejo de dispender todas as suas grandes qualidades de organisador ordenado, reflectido e seguro, toda a sua vontade calma mas por isso mesmo mais inquebrantavel.

Pouco tempo depois era-lhe entregue a gerencia do Ministerio das Colonias. O snr. major Norton de Mattos é desde ha muito considerado como um especialista nos problemas coloniaes. A maior parte da sua carreira militar fê-la elle nas nossas possessões de Africa e Asia.

Mas a hora excepcional requeria sobretudo a sua perita resolução no ministerio da guerra, para pôr de pé essa vasta organização miliciana do exercito portuguez que é uma das primeiras obras da Republica, mas que ainda não havia sido possivel tornar effectiva.

Com o desencadear do formidavel conflito europeu, que nós aliás estavamos longe de medir antecipadamente, urgia constituir os effectivos armados proporcionaes ás nossas forças.

A agressão allemã no sul de Angola, a má fé e a brutalidade dos soldados teutões em Naulila e em Cuanguar se encarregaram de nos fazer sentir essa necessidade. Todos os portuguezes comprehenderam então que era preciso defendermo-nos da ameaça germanica, mas nem todos tiveram a determinação de ver o problema até ás suas ultimas consequencias.

O caracter da guerra sem precedentes da *kultur* militarista tudesca contra a liberdade das nações e a civilização latina, e não só a solidariedade ideologica e racica mas até os proprios compromissos internacionaes exigiam de nós portuguezes uma intervenção directa e mais efficaz do que a defeza das nossas colonias.

Ora, desprecavidos como estavamos, só á custa de enormes sacrificios poderíamos entrar na liça.

Para realizar esse esforço inaudito foi chamado o actual ministro da guerra. Resolutamente, pacientemente, o snr major Norton de Mattos trabalha, trabalha sem descanço.

As manobras de Tancos veem revelar ao paiz a existencia dum organismo militar moderno, improvisado mas completo, a que as missões ingleza e franceza não regateiam os elogios.

Mezes depois, no começo d'este anno de 1917, desembarca em França um forte corpo de exercito portuguez, com vida autonoma, e que as reservas da nação se compromettem a conservar intacto.

E hoje, n'este esforço titanico do imperialismo que ataca e das nações livres que se defendem e que hão-de esmagá-lo para sempre, o pendão portuguez é sustentado, tão gloriosamente, como outr'ora nas Navas de Tolosa, onde o sangue lusitano foi derramado com denodo, para salvar a Europa duma outra invasão que a ameaçava.



## *Serviço da Republica*

# Corpo Expedicionario Portuguez

## *Soldados !*

Ao assumir, em França, o Comando do Corpo Expedicionario Portuguez, com que o governo da Republica Portugueza me honrou, saúdo-vos, cheio de entusiasmo, expressando-vos o meu desvanecido orgulho por vos comandar.

Tenho a certeza de que, na luta em que vamos entrar para a defeza do Direito, da Liberdade, e da nossa propria Honra, pelos nossos inimigos ultrajada, sabereis revelar todo o conjunto de qualidades e sentimentos, que, em todas as epocas, distinguiram os soldados de Portugal.

Tenho a maior fé de que regressareis às vossas terras, ao seio das vossas familias, com a consciencia do dever cumprido, depois de aqui terdes, ao lado dos valorosos exercitos Britanico e Francez, vingado os nossos irmãos da afronta recebida em terras d'Africa, e honrado a nossa querida Patria, em cuja bandeira se contemplam as imorredouras quinas, até hoje cobertas de gloria em todas as partes do Mundo.

Ao enviar-vos a minha saudação, sei que dentro de vossas peitos palpita, como no meu, o mesmo entusiasmo fervoroso pela vitoria dos Aliados, que é a vitoria da nossa propria Causa, e que comigo repetireis :

**Vivam os Aliados !**

**Viva Portugal !**

**Viva o Exercito Portuguez !**

*Fernando Tamagnini,*  
General.



A PRIMEIRA PROCLAMAÇÃO DO GENERAL TAMAGNINI ÀS TROPAS PORTUGUEZAS EM FRANÇA.

*La première proclamation du général Tamagnini aux troupes portugaises en France.*

# DA TERRA LUZA

□ □ □

Chegamos, em Portugal, ao termo logico d'uma *étape* necessaria, no caminho da intervenção militar portugueza na conflagração europeia, e este momento, que marca uma conclusão, annuncia o principio d'uma nova obra. Portugal chegou ao momento de se bater, na França, ao lado de inglezes, seus alliados, contra o inimigo commum. Vae bater-se. Pode dizer-se que, d'este momento em diante, a nossa vida está suspensa, porque o nosso coração não está aqui. Está n'esse ponto d'uma nação amiga e invadida pelos que querem destruir a obra d'uma civilização que é a nossa, ponto que não conhecemos, cujo nome nem sequer nos é dado conjecturar, e que é para nós como um trecho de Portugal, que imaginamos illuminado pelo nosso sol, embalsamado pela fragancia das nossas brisas, banhado de harmonia pelo canto das nossas aves, — porque onde estão os soldados de Portugal está a alma, musical, perfumada e humanosa da nossa patria.

Situação curiosa e interessante, em que se comprova, simultaneamente, a solidez do elo nacional e a enternecedora affectividade da nossa raça! Nós sabemos, ou antes sentimos, como se pode ter uma percepção physica, que os olhos dos nossos soldados estão fixados na sua patria distante. Estão fixados em nós, na nossa vida, nos nossos problemas, nas nossas questões, nos ideaes a que lentamente vamos abrindo as sendas da historia. Mas se lhe é dado realmente fixarem-nos, com as faculdades mysteriosas da alma, atravez do espaço, reconhecerão que os nossos olhares estão fitos precisamente n'elles. Cruzam-se os raios da sua luz. E' como se se fundissem espiritos. Elles querem saber a nossa vida porque alimenta a que os anima, e nós só podemos viver da d'elles.

Ha dias o grande poeta Guerra Junqueiro dizia, n'um jornal de Lisboa dirigido por quem estas linhas firma, que « um facto domina hoje toda a nossa existencia: a entrada na guerra. » E' absolutamente exacto, e por isso mesmo tudo quanto de essencial ou mesmo de importante se observa no nosso meio tem com a guerra patente relação. Tudo: o que levanta o nosso espirito em revigorantes estímulos de progresso e de belleza ou o que, por momentos, o deprime pelas dolorosas e afflictivas contingencias que da guerra são consequencia natural e inevitavel; o que nos alegra e orgulha como o que nos entristece e magoa; o que, por mão da esperanza, nos entreabre os horizontes do futuro, e o que, por intermedio da dor, nos instilla no coração as amarguras da hora presente. Mas tudo isso é a propria vida, submettida ás provas mais diversas que o destino pode impor á consciencia das nações.

Que Deus forja uma alma « enrijando-a como uma couraça, temperando-a como uma espada » disse um poeta da França, e o que elle disse da alma do individuo pode applicar-se á alma collectiva dos povos. As inspirações do dever nacional robusteceram a alma portugueza. E' a vida que passa, — mas a vida heroica que desafia a morte, — e nunca a expansão admiravel da vida é mais pujante do que quando affronta os supremos perigos.

Portugal deve ter hoje bem temperada a sua alma de heroe lendario que remoga ao calor de novos ideaes. Porque desde o primeiro dia da conflagração europeia não hesitou nunca, não só em manifestar as suas sympathias pela causa dos alliados, como em tomar uma attitudo franca e decidida, em conformidade com a secular alliança que a um d'elles o liga. Foi o nosso paiz, com effeito, o que mais ardentemente patenteou a sua solidariedade com as nações que eram hostilizadas pelo imperialismo germanico. Ainda quasi se não haviam trocado os primeiros tiros de canhão, e já em Lisboa multidões entusiastas aclamavam a causa das nações livres que pela liberdade iam bater-se.

Tem-se explorado muito as discussões politicas que em torno da guerra, e no longo periodo de perto de tres annos que ella já conta, se patentearam em Portugal. E', todavia, conveniente accentuar que nunca essas divergencias affectaram essencialmente a participação na guerra. Monarchico ou republicano, nenhum partido ainda expressou a opinião de que não cumprissemos os nossos deveres de alliança, como nenhum partido ainda

fez qualquer declaração de que se possa inferir solidariedade com a Allemanha. Nem antes, nem depois da guerra. E, da mesma forma se deve accentuar o facto de nunca se ter feito qualquer manifestação germanophila nas praças publicas. Evidentemente agora o governo reprimil-a-hia severamente, porque estamos em guerra com os allemães. Mas antes da declaração de guerra, anno e meio se passou em que não faltava quem considerasse o paiz n'uma situação de neutralidade. Houve mesmo um momento, — refiro-me ao rapido interregno do governo Pimenta de Castro, — em que officialmente a situação se apresentava de molde a não ser difficil, no ponto de vista das repressões legais, a manifestação publica de sentimentos de sympathia pela causa allemã, encarada no aspecto geral da conflagração europeia. Todavia, ninguem se atreveu a fazel-o, de tal forma eram conhecidas as tendencias populares. E assim, tendo-se feito em Portugal, mesmo antes da guerra, dezenas de manifestações publicas a favor da causa dos alliados, nunca qualquer manifestação contraria aos alliados se realisou, em nenhuma circumstancias.

Como todos sabem, a questão da intervenção na guerra seguiu uma linha inteiramente logica. Em 7 de agosto de 1914, quando a avalanche allemã, rolando atravez da Belgica, ameaçava ir esmagar o coração da França, e a formidavel marcha fulminante, o plano de traição e de surpresa se affigurava a caminho de pleno exito, o governo da Republica, no parlamento portuguez, com firmeza e serenidade, assignalava a sua attitudo ao lado da causa que parecia, segundo as apparencias temerosas do momento, que ia ser vencida.

Não trepidamos um instante. Pozemo-nos ao lado dos alliados no momento do supremo perigo. Mais tarde, quando outra hora de pavor soou no mundo, quando a Allemanha arremessou sobre Verdun as suas infinitas legiões, procediamos de intimo accordo com a Inglaterra, que invocara a nossa alliança, requisitando os navios allemães, fundeados nos nossos portos, requisição de que resultou a declaração de guerra, que recebemos com estoicismo. Não tinhamos um exercito digno d'este nome. Improvisamol-o, collocando acima de todos os problemas nacionaes, e alguns d'elles bem instantes e angustiosos, o problema magno da guerra. Essas tropas, que instruimos, armámos e equipámos, conforme todas as necessidades dos exercitos modernos, enviamol-as a bater-se ao lado dos inglezes, na França, — e em que momento? Precisamente no momento em que se annuncia o choque definitivo de que resultará o desenlace da guerra, choque cuja violencia, cujo horror, ultrapassará tudo quando se pode contar das guerras mais sangrentas que têm flagellado a humanidade; choque titanico, em que as luctas homericas serão realidades humanas; choque que é mais do que inexprimivel para os recursos da nossa linguagem, vida que se torna inconcibivel, excedendo os limites que a nossa imaginação pode abranger. E' uma fornalha escancarada que Cyclopes não affrontariam, uma cratera em que nem Encelado se precipitaria, um inferno que o Dante hesitaria em descrever, e para essa fornalha, para essa cratera, para esse inferno os soldados de Portugal marcham, com um sorriso nos labios.

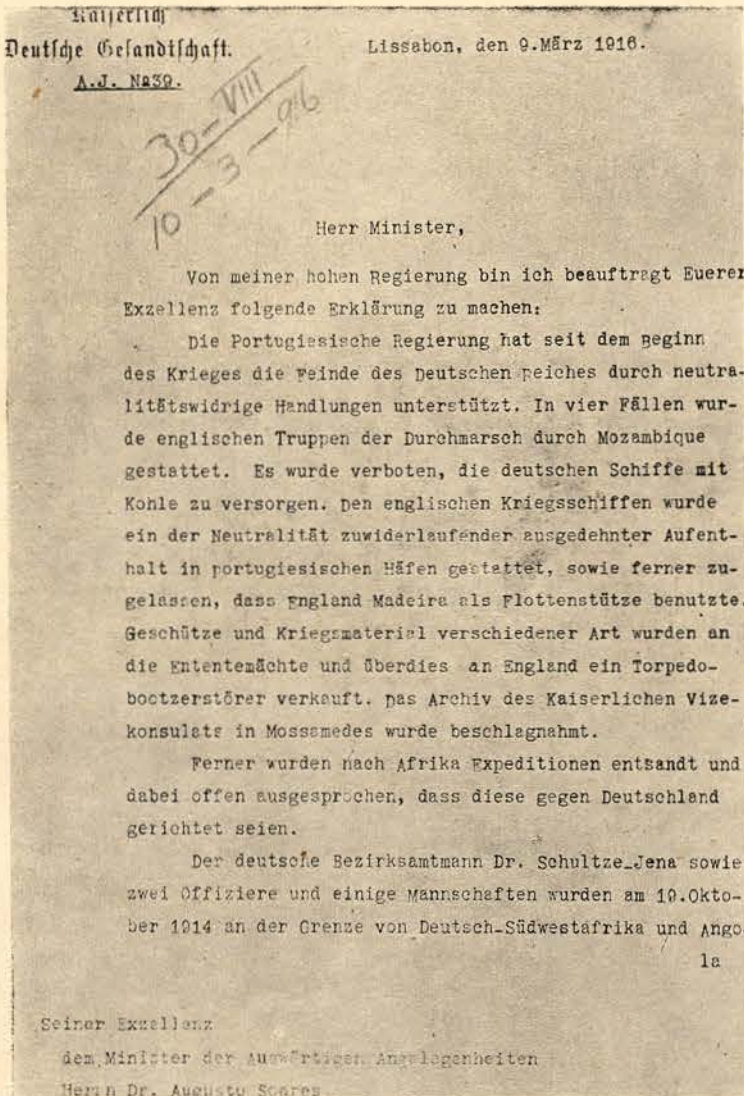
Que outra idéa pode occupar a mente portugueza? Não os affectos que ligam os que ficaram aos que partiram, visto que já não ha ninguem, pode dizer-se em Portugal que não tenha um parente ou um amigo nas fileiras dos que vão combater pela patria, n'essa terra generosa da França que é tambem nossa patria pelo espirito. E' tambem o interesse comovido, mas apaixonado pelo grande drama que se vai representar. N'estas conjuncturas historicas, em que ideaes estremecidos estão em jogo, uma febre especial abrasa o organismo humano. Tudo, tudo depende d'essa lucta que se vai travar! Fitam-se os nossos olhos extacticos nas bandas do horizonte, para os lados onde está a França. E' ahi que a nossa sorte, a sorte de toda a humanidade se decide! E a bandeira de Portugal fluctuará na frente da batalha gigantesca, pequeno trecho da immensa lucta, mas onde bate, — não, o duvidem! — porventura o coração mais forte que tem pulsado no peito d'um povo.

MAYER GARGÃO.



## A Declaração de guerra da Alemanha a Portugal

As causas da presente guerra são de tal modo complexas e tomam raízes em terrenos tão diferentes que o historiador mais

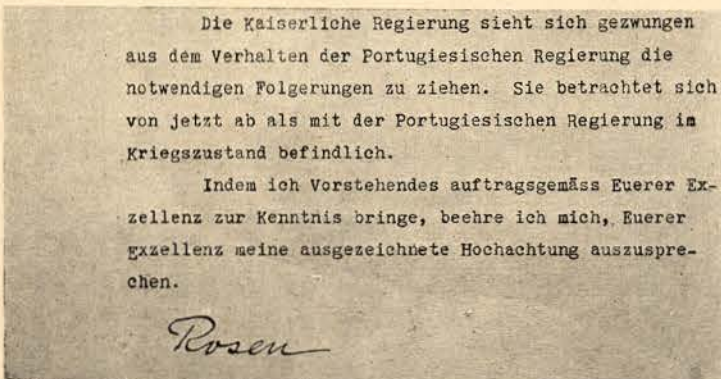


Reprodução da primeira pagina da declaração de guerra da Alemanha a Portugal.

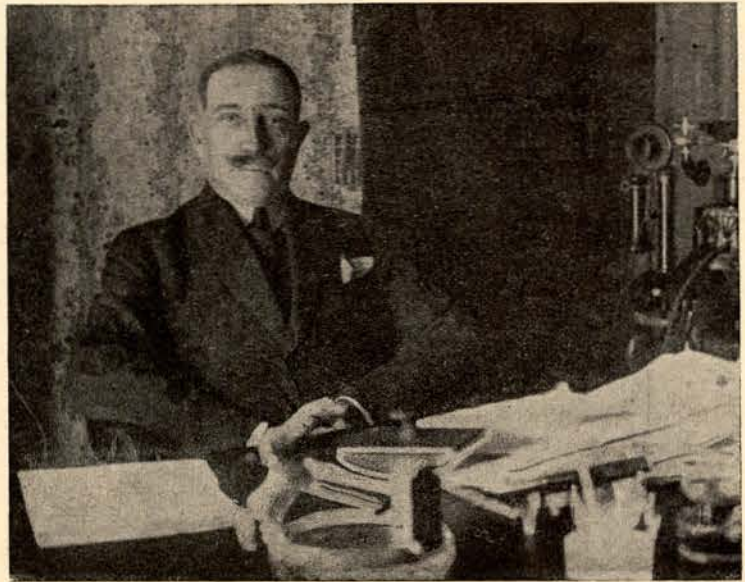
tarde só com a maior reserva poderá servir-se dos documentos diplomaticos, em que difficilmente encontrará a orientação critica para o seu trabalho.

Começa a ser conhecido de todos o desprante com que a Alemanha desvirtua tudo, os factos como as ideias, comquanto d'ahi lhe possa advir, directa ou indirectamente, acrescimo de poder ou sequer de prestigio.

Pelo que nos toca, nós portuguezes temos um flagrante exemplo



Reprodução do final do documento.



O dr. Augusto Soares, ministro dos Negocios Estrangeiros.

d'essa revoltante hypochrisia germanica no texto da declaração de guerra que o ministro plenipotenciario allemão, o snr. Rosen, entregou ao nosso ministro dos Negocios Estrangeiros, o snr. dr. Augusto Soares, no dia 9 de Março de 1916.

Se a infamia só nos causasse riso, seria irrisorio considerar o embuste da passividade d'essa mesma Alemanha que se arremeçou desenfreada na lucta, que não hesitou em declarar a guerra á Russia e á França quando se activavam as *démarches* de que ainda se podia esperar uma solução pacifica de conflito provocado pelo assassinio do archiduque Francisco-Fernando.

Um professor da universidade tcheque de Praga acaba de publicar interessantes revelações sobre os preparativos diplomaticos d'esta tremenda guerra que a Austria tramava de concerto com a Alemanha.

As alegações da notificação do estado da guerra da Alemanha a Portugal não necessitam de ser esclarecidas para que todos os portuguezes as saibam avaliar.

Basta comparar os factos com a versão que a Alemanha d'elles apresenta. Recordem-se as ameaças da sua insaciavel *weltpolitik* contra os nossos dominios coloniaes, contraponha-se o ataque premeditado e traiçoeiro do forte de Mazina ao tom resignado e paciente que a Alemanha toma para nos declarar a guerra, instilando insultos.

E' esse sarcastico ridiculo que o documento aqui reproduzido estampa: — a arrogante e insofrida Alemanha do Pangermanismo invocando mil razões para chegar a decidir-se, finalmente a declarar a guerra ao honrado Portugal que ella não lograra agredir com proveito.



O snr. Rosen, ministro plenipotenciario da Alemanha, sahindo da ultima audiencia no Palacio de Belém.



Revista às tropas portuguesas que vão partir para os campos de batalha. O desfile da infantaria.  
*Revue des troupes portugaises prêtes à partir pour le front. Le défilé de l'infanterie.*



Depois da revista : O general inglês H... comunica as suas impressões ao commandante das forças portuguesas.  
*Après la revue : le général anglais H... communique ses impressions au commandant du Corps Expéditionnaire Portugais.*

AS TROPAS PORTUGUEZAS EM FRANÇA.

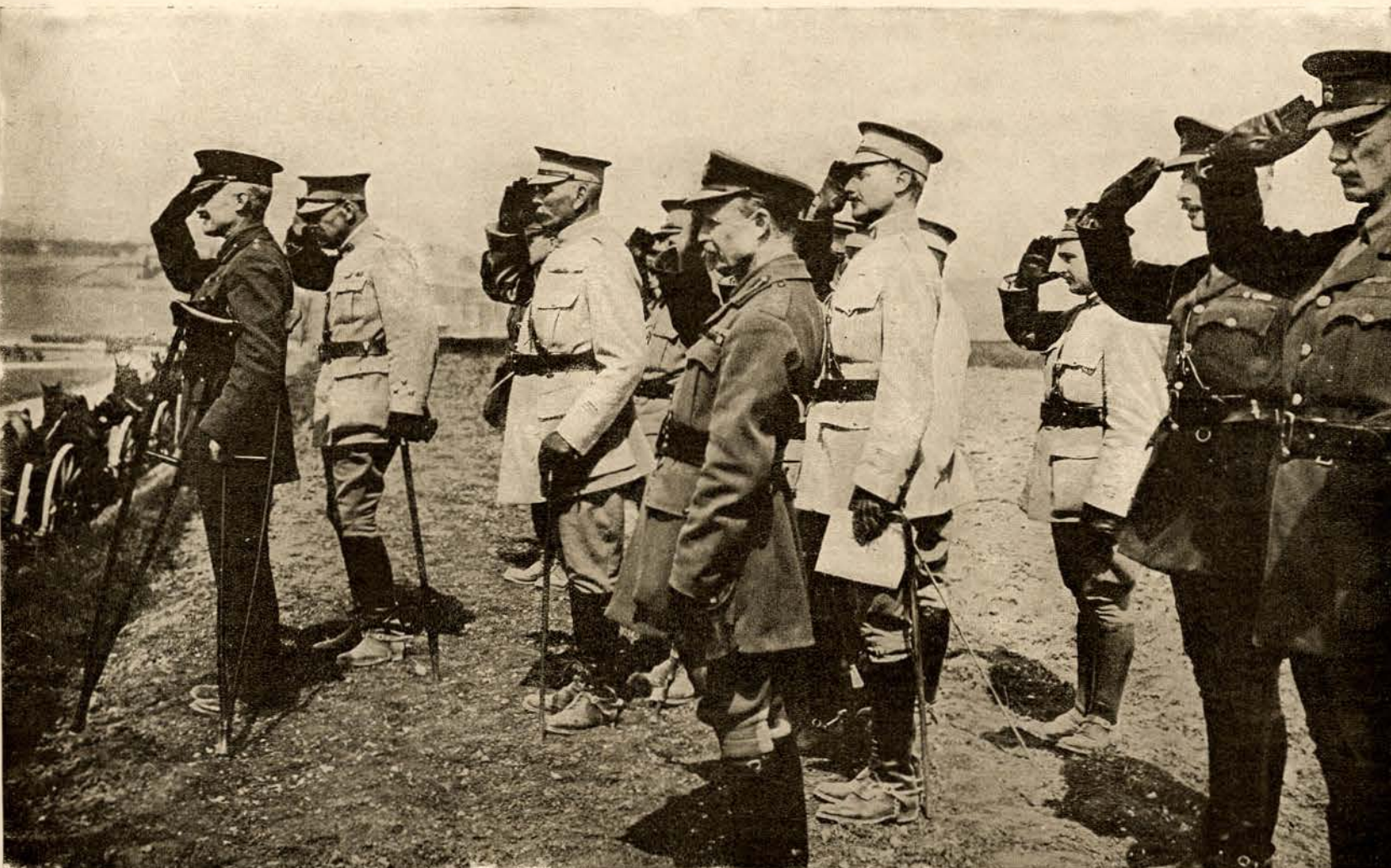


Aquarella de Augusto Pina

PORTA-BANDEIRA PORTUGUEZ NA GRANDE GUERRA



A infantaria portuguesa desfila deante dos generaes inglez e portuguez, com os seus estados maiores.  
*L'infanterie portugaise défile devant les généraux anglais et portugais, avec leurs états-majors.*



Durante a revista : Continencia á bandeira portuguesa.  
*Pendant la revue : Salut au drapeau portugais.*



## DIARIO DE CAMPANHA

*Do Capitão X...*

□ □ □

### DOIS DIAS DE TRINCHEIRAS

*Terça-feira, 1 de Maio.* — Esta manhã, sou acordado em sobresalto na *mess* de officiaes inglezes, onde fui aboletado e acolhido com a mais fidalga gentileza, pelas detonações precipitadas de uma bateria proxima. Na soleira da porta um grupo de alferes e tenentes britannicos miram o ceu azul sem uma nuvem. Um aeroplano allemão segue por cima das nossas linhas. No ar, em volta d'êlê e sem o' atingirem, estalam granadas. Elle passa. Dez minutos depois deslisa a todo a velocidade, n'uma estrada perto, uma bateria automovel de anti-aeros, a que deixou escapar a prêsa. Vamos ter novidade.

Pelo meio dia a brigada ingleza a que a minha companhia está adida comunica-me que devemos estar formados ao cahir da tarde sobre a estrada e em pequenos grupos para seguirmos para as trincheiras. Pouco antes da hora marcada a estrada que havemos de seguir, começa a ser bombardeada com violencia. Consequencia das informações recolhidas de manhã pelo *taube*. Chega-nos a todo o galope da sua mula um chefe de carro a comunicar-nos que uma granada atingiu as viaturas que seguiam para o parque de transportes. Um morto, dois feridos de outra companhia portugueza que partilha o nosso acantonamento e hade partilhar o nosso sector. Começo a dividir e a ordenar a minha gente. Continua o fogo de barragem allemão. A noite vae cahindo e aproxima-se a hora. Surge de automovel uma banda de musica ingleza e, quando os primeiros grupos se põem em marcha pela estrada bombardeada, rompe a *Portuguesa*.

Momento impressionante. Officiaes e soldados inglezes veem desejar-nos boa sorte.

Os grupos marcham espaçados, mantendo as distancias, conduzidos por guias inglezes. Um pouco antes da barragem cortamos pelo campo perpendicularmente á estrada e vamos atingir uma outra paralela. Vêem-se estalar as granadas perto e, á luz poente, nos campos e sob a metralha, continuam a sua faina agricola os habitantes que ainda permanecem n'esta região. Um grande cavallo preto arrasta um arado sobre o qual se senta, tranquilamente cachimbando, um velho de cabellos brancos. Na estrada junto de nós passam carros de aprovisionamento. A' nossa esquerda uma bateria, escondida n'um arvorêdo, riposta ao fogo allemão. A certa altura fazemos alto para colocar em posição as mascaras contra os gazes asphixiantes. Continuamos a marcha e não tarda que deixemos a estrada para seguir um caminho coberto á margem d'ela. Estamos já na terceira linha ingleza e vamos calcando as passadeiras de madeira de que

havemos de calcar kilometros. Tornamos a atravessar a estrada e entramos finalmente n'uma trincheira de comunicação. E' então uma longa, interminavel marcha n'um corredor onde só cabemos a um de fundo e que de cinco em cinco metros muda de direcção. De quando em quando a trincheira alarga e tem uma banquetta. Outras vezes descobre-se a abertura de um abrigo. O sol dos ultimos dias ainda não secou toda a agua do inverno e na escuridão succede fugir-nos um pé da passadeira e enterrarmos na lama até ao tornozêlo. Passam alguns ratos galopando assustados. Sobre as nossas cabeças o ceu é cheio de estrellas e, em volta de nós, as espingardas automaticas e as metralhadoras, procuram com o seu tiro indirecto ir apanhar nos caminhos descobertos, a esta hora classica de render os serviços, os grupos de homens que passem por acaso. Estamos chegando á segunda linha e ahí os grupos vão ficando distribuidos pelos abrigos e pelos postos inglezes. Um dos meus pelotões segue para a primeira linha. Mais trincheiras sempre eguaes. Um sargento inglez, a certa altura, detem-me e com um gesto diz-me na mescla de inglez e mau francez, que é o nosso idioma n'estas paragens :

— « *Captain ! Promenade avec moi...* »

Sigo-o. Caminhamos dez minutos ainda. Chegamos a um terra-pleno. Cortamos á esquina de uma rua — *Hun's Street* — e paramos defronte de um abrigo que tem uma taboleta á porta : *Comanding officer*. Estou no posto de comando. Baixo-me para entrar. A' luz de duas velas, dentro d'um casinhoto de tres metros de largo por outros tantos de fundo, dois olhos claros me sorriem n'uma face rosada e moça, uma mão solida se estende para a minha e uma voz alegre com um forte sotaque britannico sauda-me :

— « *Bonsoir, Monsieur.* »

E' o captain G... de um regimento que usa o nome de duas bellas cidades inglezas. Falla a *very little* de francez. Eu fallo outro tanto de inglez. Havemos de nos entender perfeitamente. N'um canto da caverna está dobrado em varias partes para poder caber o alferes R... O capitão tem vinte e quatro annos. O alferes vinte e um. Ambos dois annos de guerra e presentes no Somme o anno passado. Perguntam-me se jantei. Passados cinco minutos estou jantando. Apenas corta o silencio de vez em quando o tic-tac sêco das espingardas e das metralhadoras. Conversamos. E' a primeira vez que o captain G... tem tropas portuguezas no seu sector de companhia. Explica-me que os meus homens já estão todos distribuidos pelos varios postos e que farão todo o serviço dos soldados inglezes. Tomado o chá e acêso um cigarro, peço para percorrer as trincheiras e ver a minha gente. E' cêdo ainda : a ronda do capitão começa á meia noite e são onze,

se tanto. Examino então no mapa das trincheiras a disposição do sector e o meu camarada explica-me a posição dos postos especiaes, o raio de acção dos postos de observação, o campo das nossas metralhadoras. O chão que pisamos é historico. Em\*\*\* travou-se n' este local uma grande batalha. As nossas trincheiras serpenteiam atravez das ruinas do que foi uma pequena e linda cidade da qual não restam senão montes de pedra e de tijolo e algumas paredes ainda de pé, onde se organisaram abrigos e postos.

Chegou a meia noite. Sahimos e começamos a caminhar, a caminhar. De longe em longe, taboetas. As trincheiras tem nomes, alguns mesmo illustres, muito illustres: *Oxford-street*, por exemplo. Cortamos a *Church-road*, ao Caminho da Igreja. Da igreja da cidade resta apenas um monte de escombros e um Christo que já andou em illustrações e *magazines*. Alguns santos, uma Virgem, estão postos sobre campas de soldados inglezes. No que talvez tivesse sido uma capela florida, está um ninho de metralhadoras. Subo ás escuras os degraus d'uma escada de mão. Sobre o cano negro das armas debruça-se a vigilancia dos serventes e por uma estreita abertura vê-se o campo muito claro e lá adeante, a cem metros se tanto, a linha de trincheiras allemãs. Outras vidas allí palpitam, outros olhos nos espiam e nos esperam. Para a nossa direita crepita uma espingarda automatica. Retumba um obus de trincheira. Ouve-se o silvo muito especial da granada. Cahiu perto, muito perto, na nossa primeira linha, diz-me o capitão. Esperamos. Outras detonações, sete n'um quarto de hora. Algum signal tiveram na trincheira fronteira que lhes indicou um objectivo. Proseguimos. Passamos a um posto de observação; um dos meus soldados espreita pelo periscopio enquanto um soldado inglez sorri. Colhemos informações. As granadas cahiram mais adeante. Continuamos. Espreito nos obrigos. Os meus homens lá estão e aos que não cabe a vigilancia, esses dormem tranquilamente ao lado dos seus camaradas. Cruzamos mais adeante fachinas inglezes e portuguezes condusindo chá quente. Indago. Andaram debaixo do fogo. Chegamos finalmente ao ponto bombardeado. Um tenente de ronda conta que as granadas cahiram em volta. Uma acertou n'um charco allí visinho e encheu-o de lama. Mostra-nos o seu uniforme todo salpicado. Pergunto que tal se portaram os meus soldados adidos ao posto.

— « *Splendid! Very well! No panic...* »

Entrevisto a minha gente.

— « Ah! meu capitão! Elles mandaram ahi umas *garrafas de litro*; mas cá a gente não *cortou prégo*... »

A quem ignore o portuguez da zona de guerra, direi que os projecteis são divididos conforme o tamanho em *barris de almude*, *garrafas de litro* e *copos de meio litro*. *Cortar prégo* é ter medo.

Sorrio satisfeito. E' a primeira vez que os meus soldados, como eu de resto, estamos tão em contacto com o perigo. A experiencia é satisfatoria.

O capitão segue de mãos nos bolsos e cachimbo na bocca. A certa altura pergunta-me se quero sahir da trincheira e ir fora do parapeito a um posto de observação collocado n'umas ruinas. Respondo-lhe que irei onde elle fôr. Caminhamos atravez da noite clara uns trinta passos. Dois homens apenas cabem no abrigo que só é occupado de noite. Espreitamos pela vigia. Na nossa frente temos um bosque, cuja historia singular e tétrica o capitão me conta com toda a sua fleugma. Voltamos para as trincheiras e, apoz duas horas e meia de marcha, tendo pisado kilometros de passadeira, conversado varias vezes sentados a descançar sobre banquetas desertas, regressamos ao posto de commando. Ha duas camas: rectangulos de madeira sobre os quaes se estendeu rede de arame e que assentam a tres palmos do chão sobre caixotes. Deito sobre mim o meu capote, o capitão enfia-se no sacco da sua *valise*, apagam-se as vélas depois de uns goles de whisky e adormeço d'alli a pouco, admirado de ter somno.

\* \* \*

*Quarta-feira, 2 de Maio.* Acordo pelas sete horas da manhã. Sento-me sobre o meu leito de campanha, ponho em movimento as articulações e vejo, a um palmo do meu nariz, um prato onde uma talhada de prezunto fraternisa com um ovo estrellado. E' o *first-breakfast*, que um tenente me estende. Devoro-o, bem como uma tapioca com assucar que sobrevem, regando-os com optima ceraveja. Uma chavena de chá, umas torradas, uma cachimbada de

tabaco louro e o dia começa. Cá fora da toca o sol está esplendido. Passaritos cantam no terrapleno, soldados inglezes fazem a barba e nós officiaes procedemos á nossa *toilette*. Nunca, nem mesmo nas trincheiras, um subdito de Sua Magestade britanica deixaria de se barbear todos os dias. Barbeiam-se de côr, sem espelho, com navalhas ageis e delgadas que passam como uma caricia sobre pelles maravilhosas de frescura e de côr.

D'alli a pouco partimos para a ronda da manhã. O mesmo itinerario da véspera, mas agora á luz clara do sol. Reconheço locais entrevistos de noite, cruzo a cada passo os meus homens, que andam de parceria com os seus camaradas, fazendo a limpeza das trincheiras, esgotando agua á bomba, cavando regueiras, concertando parapeitos, isto enquanto outros nos postos de serviço entreteem o tempo limpando as armas. A disposição dos meus rapazes é excellente. Encontro-os a conversar no melhor portuguez com os inglezes que os escutam muitos sérios e como se entendem não sei. Ha frases que ouço a meúdo:

— « *Quand guerre finish, bonne!* dizem os inglezes.

— « *Yess! yess!* respondem os nossos.

— « *Boches, pas bonnes...* »

— « *Yess, yess,* concordam os portuguezes.

De vez em quando um inglez toca no braço d'um soldado nosso e diz-lhe:

— « *Came on. Promemade!* »

E lá vão os dois a uma fachina qualquer. Pergunto aos meus camaradas britanicos que impressão tem dos nossos soldados. Em cada posto peço ao capitão que consulte os seus sargentos e cabos. E, felizmente para mim e para honra de Portugal, a resposta é sempre a mesma.

— « *Solids! Bonnes!* »

Direi mesmo que para cavar e dar á bomba um portuguez valle bem dois inglezes. Quanto á sua serenidade sob o fogo, basta que registe o espanto de um sargento inglez, que não podia perceber como, na occasião do bombardeio, os nossos soldados sahiam dos abrigos para ir espreitar por cima dos parapeitos.

— « Para ver d'onde ellas vinham, meu capitão », explica-me um dos meus rapazes.

Um pouco de inconsciencia talvez, mas muita valentia afinal.

No fim da nossa ronda palmilhamos mais uns kilometros de trincheiras e chegamos ao posto de commando do batalhão. Ahi, como sempre, o major e o commandante da brigada, que allí veiu de visita, me acolhem com toda a gentileza. Dentro da zona ingleza ha cerveja, cigarros e tabaco para cachimbo permanentes. O coronel e o major indagam do capitão o que se passou de noite e pedem noticias dos portuguezes. As companhias que me precederam deixaram boa impressão e a minha não desmerece da opinião formada. Visitamos o posto de socorro, primeiro escalão da assistencia médica. Ha um major medico curiosissimo, fallando admiravelmente o francez e que passeiou o seu nariz exorbitante por Gallipolis e pelo Egypto antes de vir para França onde se sente felicissimo, sem querer largar o servico das trincheiras.

Falla-se da duração de guerra. *Acaba este anno*, dizem todos.

O Coronel diz-me que os portuguezes devem ser bons soldados. Respondo-lhe que a historia da Guerra Peninsular, alem de outros documentos, é garantia das qualidades militares da nossa raça. *Shake hands* fraternal e alliado, cerveja, cigarrada.

Regressamos, o capitain G. e eu ao nosso abrigo e já é hora de nova refeição. Continuo com um apetite admiravel. Um sargento informa-nos de que não ha novidade. Apenas a artilharia grossa continua o seu dueto. Sobre as nossas cabeças passam silvando granadas que, segundo consta, vão escavacar o acantonamento de onde sahimos hontem. Um aeroplano inglez tenta voar sobre as linhas allemãs. Fazem-lhe uma barragem aerea e elle brinca, volta sobre as asas, sig-zagueia até voltar para tras. Faz calor e o *captain* senta-se á chineza sobre a cama e começa a escrever uma carta á que ha-de ser *Mme G., peut-être, après la guerre...* Tiro do meu sacco *La philosophie de Georges Courteline* e leio algumas saborosas paginas. Pela porta aberta do abrigo, enquanto o sol escalda cá fora, passam soldados inglezes e portuguezes e busco adivinhar as preocupações d'estes. Vejo-os serenos, girando n'aquelle dedalo de caminhos enterrados como se estivessem n'uma parada de quartel, insensíveis ao perigo que nos ameaça em cada segundo. Chamo um e outro. Que tal? Uns estiveram de noite na primeira linha e acabam de ser rendidos. Contam a rir



Carros de aprovisionamento e cozinhas de campanha.  
*Voitures de ravitaillement et cuisines de campagne.*

## A' volta das Trincheiras

« Creanças, rapazes e raparigas, correm alegres, formando vanguarda. Depois, um grupo de officiaes a cavallo, uns de capacete outros de bonnet. Uma banda toca marchas militares cujo movimento rapido faz lembrar o passo dobrado francez.

Segue uma companhia de infantaria, equipada como verdadeiros *poilus* que são. Bem parecidos com seu uniforme azulado, ao vê-los assim passar na estrada, alegres e espertos, ninguem diria que elles acabam de passar pela dura experiencia das trincheiras e que já receberam o baptismo do fogo. Ha algumas baixas nas fileiras. Alguns camaradas que 'partiram decididos e alegres, não voltaram. Um d'elles até nunca mais voltará: uma granada allemã tombou-o para sempre n'esta terra das Flandres que elle viera libertar. Querendo vingá-lo, outros valentes foram feridos.

« A companhia pára deante da igreja da aldeia onde acampam as tropas. Lá os espera um major, que n'uma voz forte e na lingua tão expressiva da sua terra, se dirige aos soldados.

Felicita-os pela bella conducta perante o inimigo. E todos aquelles bravos se mostram contentes e o sorriso que lhes ilumina o rosto faz desaparecer todo o indicio de fadiga.



Soldados portuguezes que vão pela primeira vez occupar as trincheiras.  
*Soldats portugais allant, pour la première fois, occuper les tranchées*

« A banda toca então a *Marselheza* e o hymno nacional d'estes nossos aliados. Scena comovedora: os aldeãos que acorreram entreolham-se surpresos, sentindo deslizar-lhes pela face uma lagrima de esperança e de contentamento patriótico.

— « Les braves gens! » diz uma velhita. « Bem merecem descansar agora um bocado. »

« Tens razão, boa aldeã: esses estrangeiros que vêem dar a sua ajuda aos nossos filhos para nos defender contra os Boches barbaros e vandalos e auxiliar a França a escorraçar essa peste do seu territorio, são « des braves gens ».

« E porque o são, os soldados aliados, de khaki ou d'azul, é preciso mostrar-lhes bem que a gente os ama e os admira.

...Se aqui estamos em segurança, em grande parte o devemos ás tropas aliadas.

« Cuida bem do soldado que tens no teu lar, boa velhinha. Acarinha o. Pois não é elle um « poilu » como o teu rapaz? »

Sómente a mãe d'elle está longe, muito longe e elle não pode ir vê-la de vez em quando, como o teu... »

(De « Le Télégramme », diário de Boulogne-sur-Mer, de 13 de Abril de 1917).

.....



Uma companhia que volta das trincheiras.  
*Une compagnie, de retour des tranchées.*



Uma companhia que acaba de receber o baptismo do fogo. Dez minutos de alto.  
*Une compagnie qui vient de recevoir le baptême du feu. Dix minutes de halte.*



as suas impressões, enquanto os *Tommies* em volta os escutam interessados.

Ao cair da tarde recomeça a musica. Os caminhos da recta-guarda e os da segunda linha principiam a levar a sua conta de metralha. E' a pesca cega ao homem, dezenas de projecteis de artilharia e de balas de metralhadoras desperdiçadas para apañhar uma vida aqui, outra alem. E'a Morte a entreter-se enquanto não chega a hora dos grandes golpes de fouce.

Entramos na segunda noite. O capitão G... já sabe a minha vida e eu já sei a d'elle. Era *chemist* antes da guerra e tenciona deixar o exercito mal ella acabe. Sabendo que ha de figurar n'uma cronica minha, pede que lhe envie o jornal. Quer alem d'isso no seu livro de guerra um autografo meu em francez : Escrevo este pensamento lapidar ; — « *Les boches sont des cochons et le capitaine G... est un frère.* » Vamos dar outra volta. Ao atravessarmos um caminho da B. Line, crepita ao longe uma metralhadora; sobre as nossas cabeças, na rama das arvores, silvam as balas. — « *Pas bon!* » — exclama o meu companheiro estugando o passo até á trincheira proxima. Ha socego relativo na linha. Apenas uma granada de trincheira cahiu cerca de um abrigo deserto. Tudo está a postos. Uma *équipe* que tenta ir collocar arame farpado tem de regressar e os meus portuguezes que a acompanham voltam furiosos por terem sido descobertos.

Vamo-nos deitar. De tempos a tempos um official ou um sargento de ronda vem fazer o seu relatorio. No meio da noite acordo. Um rato dança o *cake-walk* sobre a minha barriga.

— « *What is this?* » pergunta um capitão, que está acordado, Explico-lhe de que se trata.

— « *No comfortable,* diz-me elle na escuridão.

Readormeço, passados instantes.

\*\*\*

*Quinta-feira, 3 de Maio.* A madrugada foi agitada. Não sei que mosca mordeu os nossos visinhos de frente. Sem que os provocassemos, sem que lhes fizessemos o minimo *straff*, como se diz em calão de trincheira, enviaram-nos algumas granadas, matando um soldado portuguez da companhia pegada á nossa, ferindo outro. Da minha gente só um homem teve um dedo levemente pisado por uma trave, que desabou. O morto foi recolhido a uma abrigo. A noite o enterrarão. O estilhaço furou-lhe o capacete na junta da aba e entrou-lhe pela témpora. O ferido não tem gravidade.

Faço a minha ultima ronda. Paro cerca de um abrigo de metralhadora para ler uma curiosa taboleta. Tem o abrigo o nome de um grande *gare* de Londres : *Charing-Cross* e a taboleta annuncia que d'alli partem a qualquer hora tiros expressos nas direcções de ...

e de ... E' com estes traços de humorismo simplista que os soldados buscam espalhar o aborrecimento especial da vida das trincheiras a que os francezes chamam *avoir le cafard* e para o qual, os nossos soldados crearam uma expressão que se vae generalizando : *comer graxa*.

Um general inglez visita o sector. Passa cercado ou para melhor dizer seguido de um grande cortejo de officiaes. Acha bom aspecto aos portuguezes. Das suas observações de serviço resulta que um tenente coronel vem ao posto de commando onde estou hospedado fazer uma *theoria* aos officiaes no tom mais ameno e sorridente, fumando e bebendo.

Chega a ordem para a nossa retirada. Pelas tantas da tarde os postos serão rendidos, a concentração far-se-ha gradualmente em determinados pontos e sahiremos, como entramos, em pequenos grupos, seguindo, até a um *covered way*, uma rua de trincheiras a que por homenagem se poz o nome de uma formação india completamente aniquilada n'este terreno na batalha de ha dois annos.

Aproxima-se a hora de me separar d'esse camarada encantador que foi a capitão G... e dos seus subalternos que fraternisaram com os meus de maneira a deixar-lhes profundas saudades. Chegam os guias que nos hão-de levar ao nosso acantonamento primitivo. Apesar do bombardeio ainda está habitavel. Formam no terreno os primeiros grupos. Pelo telefone pergunta-se a hora do quartel general da brigada. Acertam-se os relógios. No momento marcado, sae o primeiro troço. Tem começado pouco antes o concerto do costume. Por fim com o ultimo escalão, saio eu, apoz uma affectuosa distribuição de apertos de mão áqueles camaradas que talvez não torne a ver.

Seguimos em sentido inverso o caminho que nos trouxe. Já passada a ultima linha recompõem-se os pelotões. A companhia forma por fim no seu estacionamento. As granadas deitaram umas barracas abaixo e mataram dez inglezes na casa onde ha duas noites dormiram dois dos meus officiaes. E' noite fechada. Faço a pergunta sacramental :

— « Falta alguém ? »

Na minha vida militar tenho-a feito alguns milhares de vezes. Nunca me impressionou tanto a resposta que os meus comandantes de pelotão foram dando successivamente :

— Não falta ninguém.

Destroçados os soldados, entramos na *mess*. Camaradas do exercito de Jorge V fumam e bebem. Primeira pergunta :

— « *Avez-vô mangé?* »

Tres segundos depois estavamos a jantar.

Capitão X...



O AVANÇO BRITANICO NA BATALHA DE ARRAS



O general Petain com o general Joffre, no quartel general dos exercitos de Verdun.

## Bibliographia

*L'Effort Portugais* por Paul ADAM (Bloud et Gay, editores, Paris.)

Trata-se duma conferencia, realisada em Bordeus, em 28 de junho de 1916. Esta brochura faz parte duma serie intitulada « L'Hommage Français » em que cada um dos paizes alliados teve o elogio da sua obra.

Coube ao vigoroso e fino litterato que é Paul Adam a incumbencia de tratar do esforço portuguez na grande guerra. E como á data o nosso esforço militar se resumisse ás operações coloniaes, de que aliás pouco consta, o conferente, desviando-se um tanto do espirito da serie, traça um admiravel quadro do valor portuguez, historia a evolução do pensamento nacional, enaltece o nosso papel de obreiros da civilização moderna e fá-lo com um justissimo sentido e um elevado conhecimento da alma lusa, inquieta, abnegada e prodiga.

Espirito de poeta cultissimo que se compraz nas divagações archaicas e intellegencia temperada nos estudo dos modernos problemas economicos e sociaes, Paul Adam

melhor do que ninguem soube encarar cá fóra pelos diversos lados, a nossa existencia.

A nossa actividade como colonisadores mereceu-lhe uma attenção particularissima e d'ella tirou um significado que bem quizeramos encontrar na maior parte dos especialistas, os quaes em regra tão leviamente nos julgam.

Permitta-se-nos uma rectificação : a pag. 17 affirma Paul Adam que « l'esprit de la Gironde a l'honneur de collaborer à l'instruction de la jeunesse portugaise ». O auctor refere-se a André de Gouveia, um dos portuguezissimos Gouveias que, durante gerações orientaram e refundiram o ensino em França, professando em Ste Barbe e na propria Sorbonne, de que chegaram a ser reitores. Este Gouveia viera, pois de Paris a Bordeus reorganisar alli o ensino no *Collège de Guyenne*. Mais tarde D. João III chamou-o a remodelar a nossa universidade, mas o espirito da Gironde é que beneficiara do engenho pedagogico e da grande cultura humanista do nosso remoto compatriota a que Montaigne, seu alumno, chamara *le plus grand principal de France*.

Porque muito devemos à França, folgamos com ver que de longa data não deixamos de lhe pagar na melhor moeda, quando podemos.

J. DE F. B.

## AO LEITOR

*As difficuldades sem conta com que se lueta actualmente para lançar uma publicação como a nossa não estão ainda inteiramente vencidas.*

*Este primeiro numero que, prestes a entrar nos prelos, soffreu o contratempo duma greve, não é ainda a ultima palavra do que pretendemos obter com os nossos esforços.*

*Contamos com a collaboração dos mais distinctos escriptores portuguezes e estrangeiros, sem falar na collaboração artistica variada que os nossos leitores muito apreciarão, bem como a valiosa documentação photographica dos nossos campos de batalha, a cargo do sr. Arnaldo Garcez, cujos trabalhos no presente numero são o melhor elogio das suas qualidades.*



Photo H. Manuel.

O general Foch, recentemente nomeado chefe do Estado Maior General.

## Actualidades

O general Petain era no começo da guerra ainda um simples coronel de infantaria.

Nomeado general de divisão durante a retirada de Charleroy, e pouco depois commandante dum corpo de exercito, dirigia na primavera de 1915 a offensiva de Carency. Em setembro do mesmo anno tomava a iniciativa da offensiva de Champagne.

Em março de 1916 quando os allemães se encarnicaram contra Verdun, folhe entregue a defeza d'aquelle bastião que era preciso aguentar a todo o transe.

Os collegas admiram-lhe a pericia e os soldados adoram-no pela sua bravura.

As suas exceptionaes qualidades guerreiras designaram-no para o supremo commando dos exercitos.

O general Foch, distincto tratadista militar e commandante que muito se tem illustrado nos campos de batalha, foi escolhido para chefe do estado maior general, posto intermedio entre o ministerio da guerra e o supremo commando dos exercitos.

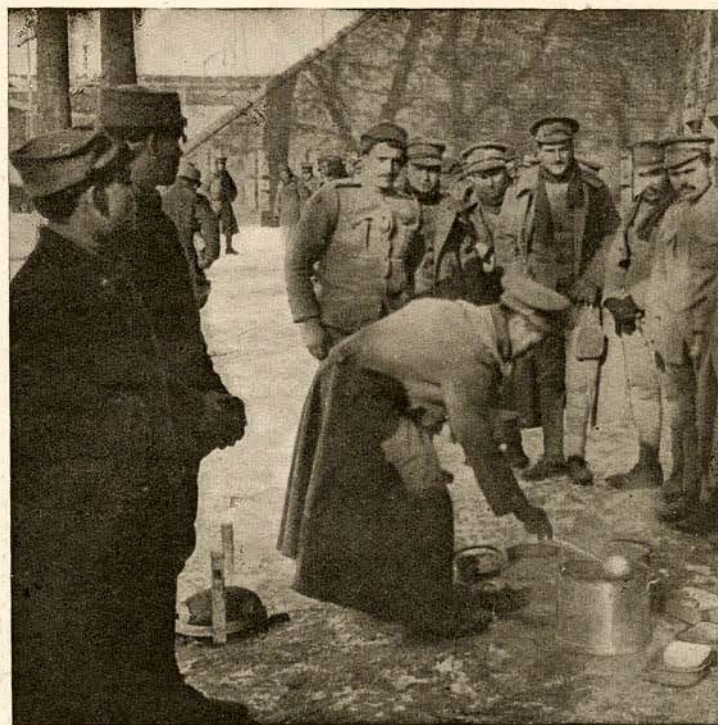


Dois tanks francezes, depois da sua estreia na recente offensiva do Aisne, onde se portaram de modo a merecer as honras do communicado.

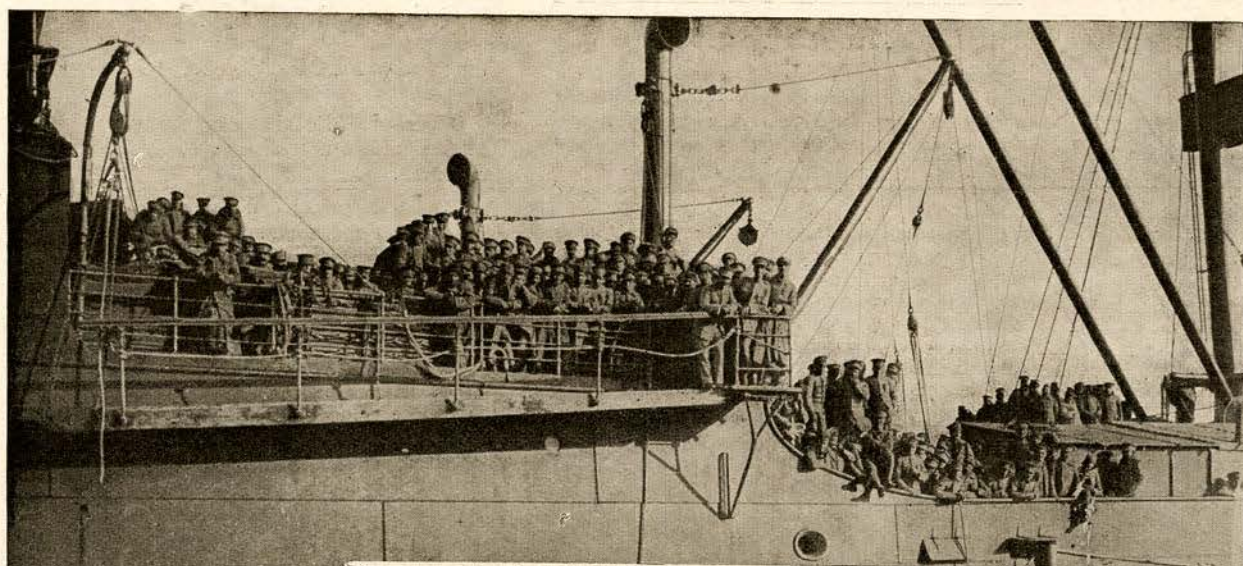
# DE PORTUGAL A FRANÇA



Na hora da partida. A ultima mão cheia de castanhas.  
*L'heure du départ. La dernière poignée de marrons.*



Apoz o desembarque. A primeira sopa no meio da neve.  
*Après le débarquement. La première soupe dans la neige.*



Na amurada d'un  
transporte, os portu-  
gueses sorriem á vis-  
ta da terra franceza.

Sur le pont d'un  
transport les soldats  
portugais sourient à  
la vue de la tere  
française.



A « Portugeza » em  
França. 15° abaixo de  
zero.

L'Hymne Portugais en  
France. 15° au-dessous  
de zéro.

# “STRAND TAYLOR”

Telep. 271

*Rua de Santa Justa, 95, 1° :-: LISBOA*

Telep. 271

✻ ✻ ✻

**VICTORINO, Ltd<sup>a</sup>**

---

ALFAIATES – MERCADORES

ESPECIALIDADE EM FARDAMENTOS PARA O EXERCITO PORTUGUEZ

✻

GRANDE SORTIDO DE TECIDOS ESTRANGEIROS

✻

## *Grandes Armazens*

DO

✻ **PRINTEMPS** ✻

OS MAIS ELEGANTES DE PARIS

..... ■ .....

*Succursal em Lisboa : A. VINCENT*

✻ ✻ **56, Rua Ivens, 56 - 2°** ✻ ✻

# Comptoir General de Commission

PARIS - 222, Boulevard Saint-Germain - PARIS



CASA DE CONFIANÇA

*Encarrega-se de toda a especie de compras e vendas na Europa, mediante uma commissão modica. A sua Clientela, já numerosa e escolhida, augmenta de dia para dia pela diligencia e honradez com que é servida.*

PEÇAM-SE CONDIÇÕES

## Typographia Artistica "LUX"

PARIS - 131, Boulevard Saint-Michel - PARIS



TRABALHOS ESMERADISSIMOS DE GRANDE LUXO

— Impressão de Trichromia —

Esta casa recebe numerosas encomendas da Europa e da America Latina

REVISTAS, LIVROS, CATALOGOS E ESTAMPAS

Compõe em todas as linguas.

Enviam-se orçamentos a quem os pedir



## Casa Editorial Franco-Ibero-Americana

222, Boulevard Saint-Germain - PARIS

*Esta casa é vantajosamente conhecida pela esmerada apresentação das suas obras, tanto sob o ponto de vista litterario como artistico e typographico.*

SECÇÃO PORTUGUEZA

SERIE HISTORICA ILLUSTRADA

Napoleão intimo  
Napoleão Imperador  
Napoleão na península Iberica  
Napoleão pelo seu creado particular

A morte de Napoleão  
Memorias secretas da Corte da Russia  
Elba e os cem dias  
Napoleão en Santa Helena

A queda da Aguiã  
De moço de cozinha a Comendador  
A Corte de Luiz Quinze  
Maria Luiza Intima

Brochadas, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

### Os Grandes Mestres da Litteratura

SCENAS DA VIDA BOHEMIA | O DISCIPULO  
Henri MURGER | Paul BOURGET  
WILHELM MEISTER, GETHE  
Brochados, 3.50 ; encadernação flexivel, 4.50

### AUTORES ESCOLHIDOS

A Cidade dos Suicidas | A Exilada por Pierre LOTI  
por Muñoz ESCAMEZ | O Meu Irmão Yves por P. LOTI  
O Deserto | Marinheiro por Pierre LOTI  
por Pierre LOTI |  
Brochados, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

### Collecção de Romances Mysteriosos

O cadaver assassino | A mão errante | A carta sangrenta  
O enigma do comboio nº 13 (2 tomos) | O automovel vermelho  
O solar enfeitado (2 tomos) | A estrella de seis raios  
O segredo do Dr Ram Moraley  
Preço, 1 fr.

### Pequenas Historias para Creanças

O Autor da Muralha | Mania dos Bonecos  
Ambição e Trabalho | Concilio das Flores | Cidade da Fortuna  
Homen da Nariganga | Guerra de Ratazanas  
Aventuras Maravilhosas de D. Pimpão  
Preço, 0 fr. 10

Ernesto SENA, do Jornal do Comercio : Historia e Historias. — Brochado, 2 fr.

### OS GRANDES PINTORES

OS VAN EYCK, TICIANO, LEONARDO VINCI, VAN DYCK, RUBENS, VELASQUEZ, MURILLO, RAPHAEL, BOTICELLI  
Encadernados, 3 fr.

Cada volume publica a biographia dum grande mestre e oito reproduções em cores das suas principaes obras.

ENVIA-SE O CATALOGO A QUEM O PEDIR